

O ANIVERSÁRIO DE JUNDIAÍ, POR QUE SEM UMA COMEMORAÇÃO OFICIAL?

Regina Dragiça KALMAN*

Todos os municípios se orgulham em lembrar e comemorar sua emancipação. Assim acontece quando há uma data precisa para isso, dia 21 de março, quando diversos municípios da região, como Itupeva, Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Cabreúva e Francisco Morato. Dia de comemoração, revalorização da história local e o orgulho dos seus municípios em relação sua cidade, onde alguns nasceram ou escolheram para viver.

Jundiaí surgiu como um povoado espontâneo no século XVII com a chegada de famílias vindas da Vila de São Paulo de Piratininga, capitania de São Vicente, que chegaram ao pé da **Serra do Japi** e do Vale do Tietê ao lado do seu afluente o riacho Guairá, chamado pelos indígenas do local de **Jundia-y**, (rio dos jundiás, nome comum a diversos peixes que não tinham escamas, mas barbas, da qual fazem parte os bagres). Com o tempo, foi esse nome que foi adotado ao arraial. O interesse sobre a história do início de Jundiaí, foi que gerou a pesquisa de historiadores e pesquisadores leigos sobre o assunto. Um deles, o professor Nelson Foot esteve três vezes na Torre do Tombo em Portugal procura da Carta de “Foral” sem encontra-la. Segundo vários pesquisadores, o povoamento começou espontaneamente durante o ciclo do bandeirismo e da devassa da terra.

(*) Professora de História na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Bacharel e Licenciada em Sociologia, Licenciada em História, Artes e Pedagogia. Bacharel em Jornalismo e Direito. Especialista em História do Brasil. Escritora, poetisa, cronista e artista plástica. Residente em Jundiaí.

Segundo a pesquisa mais corrente, citada também por Mário Mazzuia no seu livro *“Jundiá e sua História*, a origem do povoado deu-se com as famílias de Rafael de Oliveira, o moço, e da família da viúva de Petronilha Antunes, que trouxeram familiares e trabalhadores e escravos, com um aglomerado de aproximadamente 300 pessoas.

Foi construída uma igreja no povoado em 15 de agosto de 1639, com o nome de Nossa Senhora do Desterro de Jundiay.

No arraial foi plantada foi produzida a economia do engenho, e cresceu a ponto de passar a ser elevado à categoria de Vila em **14 de dezembro de 1655**, na então capitania de São Vicente, com o nome de **Vila Formosa de Nossa Senhora do Desterro de Jundiay**, com direito à sua Câmara Municipal, desmembrando-se da Vila de Parnaíba e seu território abrangia um vasto território por ser uma das primeiras regiões exploradas no interior da capitania de São Vicente, pois os povoamentos não ultrapassavam o pico do Jaraguá e seguia até os limites do atual Estado de São Paulo. Por isso, popularmente a Vila de Jundiay era conhecida como “Mato Grosso de Jundiay”, usada inclusive para seguirem ao interior, principalmente pelos bandeirantes, que seguiram pelo rio Tietê ou atravessavam a Vila. Inúmeros municípios atuais faziam parte da Vila de Jundiay.

Em 11 de julho de 1771, a Vila de São Paulo, foi elevada cidade, sob o título de Cidade Imperial de São Paulo, e como cabeça de Comarca da Província, então Jundiá passou a ser regido pelo Governo de São Paulo.

Durante o segundo império, na segunda metade do século XIX, a monocultura econômica do país, se manteve no café e alguns fazendeiros jundienses também trocaram a cana-de-açúcar pelo plantio do café. Com o enriquecimento econômico e de sua importância política, a Vila Formosa de Nossa Senhora do Desterro de Jundiay, foi elevada à categoria de cidade, em **28 de março de 1865**, com o nome de Jundiá, numa região muito menor do que a antiga Vila. Em 30 de julho de 1875 foi instalada a Comarca pela segunda vez, pelo juiz de Direito Joaquim José do Amaral.

Na segunda metade do século XX, a região de Jundiaí diminuiu ainda mais, pois os municípios de Itatiba, Itupeva, Campo Limpo Paulista, Várzea Paulista, Jarinu, entre outros, tornaram-se emancipados.

HISTÓRIA

Historicamente, Jundiaí era usada como passagem pelos bandeirantes que se dirigiam ao sertão, pela estrada conhecida como *Estrada Velha de São Paulo e Estrada Velha de Campinas* (hoje Estrada Vereador Geraldo Dias), também usada como passagem no século XIX, durante a Guerra do Paraguai. Antes de seguirem, ficavam hospedados na estalagem do “Barão da Ponte” (apelido dado ao português, proprietário da pousada), que ficava ao lado da Ponte de Campinas (hoje fábrica Universa).

Durante a monarquia, a zona rural enriqueceu-se com a cultura cafeeira, e a necessidade do escoamento do produto precisava ser feito até o porto de Santos, foi quando surgem no século XIX estradas de ferro, com a *Santos-Jundiaí*, a *Estrada de Ferro Paulista*, depois *FEPASA*, que seguia de Jundiaí ao interior da província de São Paulo. A *Estrada-de-Ferro Sorocabana* iniciava em Jundiaí e seguia até o interior paulista depois desativada, (atualmente é a avenida dos Ferroviários). Um dos grandes proprietários de fazendas de café em Jundiaí durante o império Antonio de Queiroz Telles, Barão de Jundiay, hospedou por duas vezes o imperador D. Pedro II e sua esposa, a imperatriz D. Teresa Cristina na sua casa urbana, conhecido como o Solar do Barão, na rua Direita, onde hoje abriga o Museu Histórico e Cultural de Jundiaí (hoje rua Barão de Jundiaí, na praça Pedro de Toledo).

IMIGRAÇÃO ITALIANA

Com a vinda dos imigrantes italianos, no século XIX com o apoio do jundiaiense Dr. Antonio de Queiroz Telles, Visconde de Parnahyba, um dos filhos do Barão de Jundiay, que foi o Presidente da Província de

São Paulo em 1887. O Visconde era abolicionista, tendo inclusive antecipado a abolição em suas terras. Preocupado com a falta de mão-de-obra nas fazendas, facilitou a vinda de imigrantes italianos para trabalharem nas fazendas de café. A hospedaria onde ficavam os italianos, é hoje o **Memorial do Imigrante** no Brás em São Paulo capital. Dr. Antonio Queiroz, passou a sustentar, mais tarde, o título de Conde de Parnaíba.

Criou em Jundiá um núcleo nas suas terras, o **Núcleo Colonial “Barão de Jundiá”**, que negociou com os futuros imigrantes italianos, que já vinham ao Brasil, donos de terras no local, e que foi início da colonização italiana no município, e que trouxe uma economia diferente à região, principalmente o cultivo da cultura da uva e do vinho, o que acabou por tomar a região muito conhecida, e Jundiá passou a ser chamada a **“Terra da Uva”**.

Além da cultura da uva e do morango, em Jundiá surge também um parque industrial principalmente de telhas e cerâmica. Jundiá começou a diversificar sua economia.

No século XX foi construída a via Anhanguera, como estrada de rodagem do Estado, passando dentro do município de Jundiá, fazendo com que fosse também aproveitada pela indústria, tornando a região um pólo industrial dos mais importantes do Estado de São Paulo, tanto pela história, como pela geografia privilegiada, um pólo entre a capital, São Paulo e a cidade de Campinas.

Jundiá surgiu no século XVIII, mas pouco patrimônio arquitetônico testemunha isso, a não ser o **Solar do Barão** (tombado pelo CONDEPHAAT), a **Ponte Torta**, usada como ponte para o bonde puxado a cavalo, que seguia da cidade para a estação de trem, o prédio do **Grupo Escolar “Siqueira de Moraes”**, na rua Barão de Jundiá, hoje **Biblioteca Municipal**, o **Ginásio “Conde de Parnaíba”** na rua Barão de Jundiá, atual **EE. Conde de Parnaíba**, hoje com um prédio acrescido no fundo do seu terreno, porém respeitando o antigo edifício, o **Mosteiro de São Bento**, com um altar barroco de Sant’Anna, a **Catedral Nossa Senhora do Desterro**, o **marco zero** do início do povoado, que embora tenha passado por diversas reformas, ainda um edifício significativo no centro de Jundiá.

Algumas poucas casas ainda mostram o que já foi o centro histórico, diminuindo cada vez mais os setores históricos da cidade.

POLÊMICA

Jundiaí tem duas datas que podem tornar-se oficiais: 14 de dezembro (14/12/1655), que comemora o arraial à elevação categoria de Vila, ou 28 de março (28/3/1865), que comemora sua elevação à categoria de Cidade. No entanto, desde 1992, devido a tanta polêmica em escolher uma das duas datas, a Câmara Municipal de Jundiaí, por lei municipal, declarou que o feriado municipal que era comemorado em dois dias de feriado municipal passou a ser comemorado no dia **2 de novembro** (dia de finados), que nada tem com a história específica da cidade.

Está na hora de escolher uma das datas realmente históricas para Jundiaí e torná-la oficial, corrigindo assim uma grande falha que faz com que Jundiaí não tenha o aniversário comemorado como todos os municípios que já fizeram parte dela. E mesmo não tendo mais o vasto território que anteriormente faziam parte da Vila Formosa de Nossa Senhora do Desterro de Jundiay, a cidade de Jundiaí importante pela sua localização geográfica, política, social e econômica do Estado de São Paulo, portanto, merece que seu aniversário seja oficializado e comemorado com dignidade.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Tema debatido no “**Projeto Cidadania**” durante as aulas de História, na EE. Dr. Antenor Soares Gandra, em Jundiaí, durante os anos de 2003 e 2004, com o objetivo de fazer os alunos, além do conhecimento da história local, participarem mais ativamente da vida política, principalmente a municipal, além de verem como é possível integrar a História do Brasil com a História Regional e serem agentes da História, interferindo no presente, isto, participarem como cidadãos nas ações do Poder Executivo e do Poder Legislativo municipal, estadual e até federal, e fazerem parte dessa História ao colaborarem e fiscalizarem os nossos

representantes num país com sistema republicano democrático como é o Brasil, principalmente depois da Constituição Federal de 5 de outubro de 1988.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CIPOLATO, Aldo - *“Os Italianos mundo, no Brasil ,em São Paulo e em Jundiáí”*, in **Museu de Jundiá I**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1974.

COMPANHOLE, Adriano & outros - **Aditamentos História da Fundação de Jundiáí**, Jundiáí, 1994.

GOSSNER, Walter - *“História”* in **Museu de Jundiáí II**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1975.

GOSSNER, Walter - *“Ivoturucuaia, o Bairro mais antigo de Jundiáí”* in **Museu de Jundiáí II**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1975.

FILIPPINI, Elizabeth - *“Núcleo Colonial Barão de Jundiáí e a Cidade”* in **Cem anos de Imigração Italiana em Jundiáí**, Jundiáí, Estúdio Ro, s/d.

KALMAN, Regina Dragiça - *“Não há uma explicação clara para fundação de Jundiáí”* in **Jornal de Jundiáí**, Jundiáí, Ed. Jundiáí, Edição especial de aniversário, 14/12/1993.

MAZZUIA, Mário - **Jundiáí e sua História**, Jundiáí, Edição patrocinada pela Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1979.

MORAES, Joaquim Pires - *“Troncos de Jundiáí”* in **Museu de Jundiáí I**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1974.

OLIVEIRA, Anna Luiza Cravinhos Mesquita de - **Jundiáí Terra Querida**, Jundiáí. Ed. Literarte, s/d.

PEREIRA, Eduardo Carlos - *“Construções Rurais de imigrantes italianos no Núcleo Colonial Barão de Jundiáí”* in **Cem Anos de Imigração Italiana em Jundiáí**, Jundiáí, Estúdio Ro, s/d.

ROCHA, Helen Degani - *“Arrolamentos das Fontes Históricas de Jundiáí”* in **Museu de Jundiáí I**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1974.

STAFUZZA, Antônio Maria - *“Crepúsculo de um mito”* in **Museu de Jundiáí I**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1974.

STAFUZZA, Antônio Maria - *“Primórdios de Jundiáí”* **Museu de Jundiáí II**, Jundiáí, Prefeitura Municipal de Jundiáí, 1975.

TOMANIK, Geraldo Barbosa - *“Jundiáí e sua História”* in **Letras Acadêmicas da Academia Jundiáense de Letras**, vol. X, 2004.